



A trajetória da família Mühlenberg enquanto feirantes agroecológicos em São Lourenço do Sul (RS): experiências, desafios e resistências da agroecologia no município

The trajectory of the Mühlenberg family as agroecological marketers in São Lourenço do Sul (RS): experiences, challenges and resistance of agroecology in the municipality

MÜHLENBERG, Luciano S.¹; POSSA, Carolina²; BECKER, Laura Q.³; COSTA, Laís V.⁴; PINTO, Jordano S.⁵; OLIXEWSKI, Rafaela P.⁶; DURIGON, Jaqueline⁷

¹ luciano.ecologia@gmail.com; ² carolina.possa@gmail.com; ³ laurabeckerma@gmail.com; ⁴ velasqueslais@gmail.com; ⁵ jordano.fsp@gmail.com; ⁶ pinheiroolixewski@gmail.com; ⁷ jaquelinedurigon@gmail.com.

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Apresentação e Contextualização da experiência

O presente relato trata da experiência da família Mühlenberg enquanto integrante da primeira banca agroecológica da feira livre de São Lourenço do Sul (SLS), na qual as vivências do primeiro autor são objeto fundamental para contar essa história. No relato destacamos trechos de falas do primeiro autor, que também fazem parte as análises das(os) demais autoras(es), construídas em interlocução com a família.

A propriedade da família Mühlenberg fica situada na localidade de Butiá, interior do município, contando com 35 hectares, dos quais 10 são de mata nativa conservada. Há cerca de 25 anos, a família foi incentivada pelo Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA), uma organização da sociedade civil que atua no sul do país junto à agricultura familiar, a fim de disseminar e oferecer suporte para promoção da agroecologia às famílias camponesas. Neste início, o CAPA forneceu uma “picape” e subsidiou um ano de gasolina para a família e outros agricultores participarem da feira na cidade de Pelotas, RS, localizada a aproximadamente 70km de SLS. Visto que a distância até lá era muito grande, o grupo que se deslocava foi diminuindo. Assim, surgiu a ideia de integrar a feira livre de SLS, constituindo a banca do grupo Boa Vista. Atualmente, o grupo não existe mais, mas a família Mühlenberg seguiu na feira, visto que esse espaço é essencial para que seguissem na produção agroecológica.

No início, falava-se que “ecologia não tinha futuro” e a família era tachada de “sonhadora”. Mas a produção agroecológica foi uma escolha e uma necessidade devido aos problemas de saúde que começaram a sofrer por conta da pulverização de veneno. Além disso, havia uma relação com a religiosidade da família, porque, segundo o primeiro autor, “aquele que destruir a terra vai pagar a conta... esse é o principal motivo por a gente ter aguentado firme”.



Desenvolvimento da experiência

Há 25 anos atrás, a família Mühlenberg plantava batata-inglesa em uma produção convencional. Eram duas safras ao ano, onde a cada uma eram feitas de 5 a 7 pulverizações, totalizando 14 pulverizações por ano com uma tecnologia inadequada. Nesta época, os agricultores tinham contato direto com o veneno e acabavam “se banhando”, visto que não tinham roupas de proteção. Assim, o primeiro autor começou a perceber que o seu pai, Roni Mühlenberg, estava mudando, começou a ter ansiedade e dificuldades para dormir, logo o acontecido foi associado com os organofosforados, já que, sabe-se, esses afetam o sistema nervoso dos insetos.

Nesse meio tempo, o primeiro autor soube que ações voltadas à agroecologia estavam tendo início. Tratava-se de algo novo: falar de agroecologia era como falar de algo muito estranho e as pessoas eram chamadas de “loucas”. “Nós não sabíamos que existia calda bordalesa ou como combater pulgão, mas tínhamos fé e esperança”. Assim, através de um recurso do CAPA para investir na agroecologia, o primeiro autor e mais onze agricultores foram ao centro ecológico no município de Ipê (RS). Tratou-se de uma experiência inesquecível e transformadora: “foi a melhor coisa da minha vida, é impressionante como uma ONG consegue mudar uma pessoa”.

Após os episódios relatados, a família Mühlenberg iniciou a transição agroecológica em sua propriedade. Entretanto, para além de produzir precisavam ter onde comercializar. Por isso, após algumas tentativas chegaram na decisão de compor a feira livre de SLS. O início foi difícil devido aos desafios encontrados, visto que o movimento agroecológico era recente, mas a família optou por seguir na transição, pois perceberam os grandes danos que a produção convencional acarretava em suas vidas.

O primeiro autor relata que enquanto nos supermercados eram oferecidas poucas variedades, a família comercializa uma grande diversidade de alimentos, dentre essas, muitas espécies que no passado faziam parte do cotidiano das pessoas, mas em tempos atuais não encontravam através dos mercados convencionais. Como exemplo podemos citar a batata-macaca, uma variedade da batata-andina (*Solanum tuberosum* L.), cultivada há séculos pela família Mühlenberg, tradicional na sua cultura e identidade pela forte presença na agricultura e culinária pomerana. Foi através da sociobiodiversidade ofertada pela família Mühlenberg, que eles se caracterizaram e estabeleceram-se na feira, e até hoje, compõem o espaço como agricultores ecologistas de SLS.

Desafios

Ao longo da caminhada na agroecologia, a família Mühlenberg relata desafios, um deles são as mudanças climáticas. De acordo com o primeiro autor, “o clima é o maior problema para nós ecologistas”. É observada pela família que há três anos uma “seca misteriosa” vem ocorrendo, gerando impactos em seus cultivos, assim,



tiveram que abrir mão da produção de algumas verduras e quase perderam a variedade de soja não transgênica cultivada, como também outras espécies e variedades crioulas que a família guarda.

Outro desafio é a alta mão-de-obra necessária para produção agroecológica e a falta de tecnologias voltadas à agricultura familiar. Para os grandes produtores existem diversos maquinários, entretanto, o pequeno produtor fica desamparado nesse sentido. Atualmente, percebe-se que os tratores estão cada vez maiores e não há mais tratores pequenos, evidenciando que, enquanto constantemente se desenvolvem instrumentos e tecnologias que dão suporte apenas ao agronegócio, há um descaso quanto às tecnologias populares e acessíveis para os agricultores familiares.

Para o primeiro autor, organizar uma feira 100% ecológica no município seria um aspecto positivo, já que a diferenciação entre produção agroecológica e convencional faz com que antes de sair de casa o consumidor já saiba que todas as bancas são de produtores ecologistas. Entretanto, há necessidade de maior número de bancas agroecológicas que integrassem o espaço.

Em decorrência da presença de poucas bancas agroecológicas na feira livre de SLS, outro desafio observado é a necessidade da ampla oferta de produtos. A vivência do primeiro autor em visitas a feiras 100% ecológicas, permite observar que a possibilidade de focar em um tipo de cultivo traz benefícios, porque a banca que tem como foco produtivo apenas raízes e tubérculos, não precisa se preocupar com hortaliças folhosas. Por isso, o primeiro autor identifica que uma feira maior beneficiaria os agricultores, já que haveria uma ampla oferta de diferentes produtos, embora, cada família poderia ter um foco de cultivo.

Ainda sobre outras experiências em feiras, o primeiro autor observa que comercializar produtos para o consumo no próprio espaço da feira, iria atrair mais pessoas ao espaço. Na visita à Feira de Agricultores Ecologistas (FAE) de Porto Alegre, o primeiro autor relata que: “experimentei um hambúrguer que tinha gosto de carne, mas não era carne. Se quisesse um suquinho tinha também. Na nossa feira as pessoas têm que levar os produtos e preparar em casa”.

Os consumidores também são um desafio. O primeiro autor destaca que o público da cidade se habituou a comprar “de hoje para amanhã”. As pessoas compram os produtos aos poucos na feira no sábado, nos demais dias da semana elas também estariam dispostas a comprar, mas a banca da família Mühlenberg não está lá para comercializar. Então, para esse público, seria positivo a comercialização se houvesse um estabelecimento na cidade com os produtos das agricultoras e agricultores ecologistas do município. A título de exemplo de experiência semelhante, a iniciativa da Cooperativa Girassol, localizada em Porto Alegre, possui uma estratégia valorosa. Os produtos não vendidos na feira, ficam disponíveis na cooperativa para as pessoas comprarem em outros dias.



Principais resultados alcançados

O primeiro autor destaca que houve uma melhora na saúde da família quando entraram para produção agroecológica, “então isso vale muito, essa é a parte positiva”. Também é perceptível a importância de ações que promovam a agroecologia e fortaleçam os pequenos agricultores, destacando a importância da assessoria do CAPA para a família se inserir nas feiras.

Atualmente, a família Mühlenberg é guardiã de variedades de espécies crioulas, como batatas, amendoins e, inclusive, soja não transgênica de cultivo agroecológico. Suas experiências com esses cultivos e seus conhecimentos estão contribuindo para manutenção e preservação da sociobiodiversidade, através da comercialização desses produtos, proporcionam aos consumidores da feira o acesso a informações sobre o território.

Disseminação da experiência

A experiência da família Mühlenberg integrando a primeira banca agroecológica na feira livre de SLS, estimulou a entrada de outras famílias agricultoras na feira e na produção agroecológica. Também motivou com que outras entidades, como a EMBRAPA, os buscassem como referência em técnicas de cultivo agroecológico de batata-inglesa.

A forte presença da agricultura familiar agroecológica em SLS foi um dos fatores de impacto para criação do curso de bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – campus SLS. Assim, as experiências da família Mühlenberg e de outros agricultores agroecológicos vem sendo objeto de estudo e aprendizado da comunidade acadêmica.

Além da feira livre, ações de extensão, visitas técnicas, eventos e outros espaços propiciam a união do campo e a cidade e neles emergem o fluxo de saberes e conhecimentos entre os públicos. Essa aproximação inspira e resulta em trabalhos de pesquisa, mestrados e doutorados junto aos interesses dos agricultores do município, evidenciando as múltiplas contribuições do trabalho desenvolvido pelas famílias para construção do conhecimento agroecológico no território da Zona Sul.